

A close-up photograph of a greyhound's face, focusing on its eye which has a bright blue, glowing effect. In the bottom left corner, the head of a small white rabbit with brown spots is visible, looking towards the greyhound. The background is dark and out of focus.

O COELHO E A LOBA

LEMUZZO

O sol de BH estava forte, era verão. Não havia qualquer sinal de chuva nos céus, as nuvens eram poucas e esparsas, com um tom muito branco, como se fossem algodão desfiado. Eu odiava esse tipo de dia, eram dias em que sentia minha produtividade baixar muito pelo calor, até evitava correr na orla da Pampulha esse horário.

Havia pegado essa aula avulsa pois Danilo havia dito que era bom pegar aulas no prédio da FALE da UFMG, era onde tinha muitas meninas bonitas, a maioria era maluca — segundo ele — mas dava para conhecer alguém legal. Não gostava da ideia, era meio estranho fazer uma aula optativa de linguística sendo que meu curso era Engenharia da Computação, não via muita relação interdisciplinar entre os cursos, ainda mais por ainda estar no terceiro período.

Contudo, quando fui pesquisar, achei interessante a aula de Introdução à Linguística Computacional, que poderia ser um passo extra no meu estudo de IAs generativas. E é por esse motivo que eu, um estudante de exatas, todo certinho e arrumadinho, estou no terceiro prédio mais alternativo da UFMG (FAFICH e Belas Artes ainda ganham por muito).

Curiosamente, ontem de noite, quando já estava me acostumando à ideia de ir com o Danilo em um prédio que nunca havia frequentado da facul, ele me manda uma mensagem dizendo que havia perdido o prazo para se inscrever no Moodle, e só conseguiria rever isso na semana seguinte.

Não é uma boa notícia para um jovem de 20 anos que possui ansiedade social, timidez extrema e parece com o McLovin de Ceasar Cut e barba na régua. Não dormi na noite passada, apenas pensando que teria que entrar em um prédio novo, ver os olhares de julgamento das góticas, gays e emos da FALE pois pareço um mauricinho, iria responder errado alguma coisa, iam achar que sou um porco fascista, e então iam me cancelar no twitter. Eu sei que, após isso, eu iria sofrer boicote na faculdade e na carreira, e teria que virar UBER depois, como quase todo engenheiro. Brutal, não sobra nada para o betinha da engenharia.

Na manhã seguinte, fui surpreendido pela percepção de que não fui atacado ou julgado por nenhuma gótica — ou ao menos nenhuma ainda. Talvez eu esteja com sorte.

Entreí na sala, ainda era cedo, às 7:45. A aula começaria às 8. Então pensei em ficar mexendo no Instagram enquanto o professor não vinha. Danilo havia falado que a estética low profile do meu perfil atraía algumas meninas, mas deveria postar pelo menos uma foto no feed. Eu tinha só 120 seguidores, nenhuma foto no feed, mas tinha pelo menos uns 15 destaques com fotos da minha gata Pamelinda Soares Aragão Vieira (o nome grande era o charme, mas no dia-a-dia, eu só chamava de Pampam).

Antes que eu pudesse perceber, o professor estava em sala: um moreno alto de sorriso fácil e bonito. A sala estava mais cheia também. Eram uns 12 alunos, não reparei muito neles até que o professor disse:

— Muito bem, turma até que tá cheia hoje. É até raro nesse tipo de matéria. Como somos poucos, vamos nos apresentar? Começando por mim, meu nome é Ferdinando Adeyemi, tenho 31 anos e... — disse vários cursos e títulos.

Houveram alguns aplausos, o que fez com que o sorriso do professor se alargasse. Meu coração gelou, o que me inundava a mente era apenas uma questão: teria mesmo que me apresentar na frente de todo mundo?

— Peraí pessoal, nós somos adultos, né? Estamos em uma aula de linguagens, vamos usar essa linguinha um pouco.

Houveram alguns risos.

— Bom, talvez não tão adultos, mas estava falando de se comunicar em voz alta, sabem o que é isso? — Tomou toda a atenção da turma para si. — Quando nos comunicamos, emitimos uma mensagem que o outro nem sempre entende da maneira que esperamos, mas faz parte. Por que não começamos com informações mais objetivas? Cada um aqui, diga seu nome, curso e idade. Vamos começar por você. — Apontou para um rapaz na primeira fileira.

O rapaz da primeira fileira, que eu poderia descrever como um Golden Retriever humano, sorridente, alto, gordinho e loiro, com brincos em ambas as orelhas, se levantou, olhou para trás, para a turma, e acenou:

— Oi gente, tudo bem? Eu sou o Murilo Schwartz, tenho 19 anos e faço Jornalismo.

— Prazer Murilo! — Alguns responderam.

— Ótimo, gosto desse clima de aula do Ensino Fundamental!

Alguns riram, ele apontou para a moça atrás de Murilo. Gelei, eu era o terceiro da mesma fila. Ia ser o próximo depois dela.

— Sua vez agora.

Ela se levanta, bem alta, bem magra, algumas tatuagens em black work, olheiras, franja reta, cabelo e roupas pretas. Era um dos temíveis exemplares de góticas da FALE. Era bonita, mas a vibe dela mais me assustava que atraía.

— Meu nome é Priscila Malveira.

Após um instante de silêncio, o professor olhou para ela com um sorriso que murchava lentamente, ao perceber que ela não tinha a intenção de continuar a dizer. Já sentada, ela diz:

— 21 anos. Quarto período de Letras.

Ao menos eu não teria a pior apresentação da turma. Me levantei de supetão.

— H-Henrique Guimarães — falei, um pouco alto demais. — Terceiro período de Engenharia da Computação.

Me sentei, respirando fundo, e olhando para baixo. Percebi que o professor ainda olhava para mim, sorrindo.

— Ótimo Henrique, mas da próxima vez, me deixe passar a palavra para você antes de se apresentar.

Senti meu rosto ficar extremamente quente, sabia que estava vermelho.

— Além disso, queríamos também saber sua idade.

Resisti à tentação de bater na minha própria cara.

— Tenho 20 – respondi baixinho.

O professor continuou pedindo por apresentações enquanto eu me encolhia em minha insignificância.

Não prestei atenção nas outras apresentações, Danilo teria ficado decepcionado, até porque ouvi mais nomes femininos do que masculinos. Mas algo me fez prestar atenção neste:

— Ana Júlia Lobo.

A voz era potente, bem forte, como se fosse um uivo. Era feminina, mas ao mesmo tempo, parecia a de um predador feroz.

— Tenho 25 anos, faço o sexto período de letras, aqui na FALE.

Me virei lentamente, e a primeira coisa que reparei, de fato, foi o lobo. No braço direito da menina, havia um lobo branco me encarando fixamente, na neve, como se aguardasse um momento de distração para me comer. Me senti como um cervo, tremido, no frio, ansioso e medroso, enquanto uma matilha de um lobo só me caçava. Percorri meus olhos para a garota que portava-o incrustado na pele: era linda... cabelo cacheado vermelho tingido, bem volumoso — raspado dos lados, mas não o suficiente para disfarçar seu volume. Eu sempre olhava primeiro para o cabelo das mulheres, era algo que me atraía. Depois, reparei em sua estatura. Era mais baixa que eu, menos de 1,70 com certeza. Havia mais tatuagens, não as memorizei além do lobo, mas prestei atenção em seus brincos: eram grandes, dois, pareciam aquela coisinha que se coloca

pendurada na porta para afastar maus espíritos. Esqueci o nome disso. Tinha também um piercing no nariz, prateado, chamava atenção. Por último... subi meu olhar para encontrar os seus, e percebi que uma imensidão azul olhava-me de volta. A sensação de ser um cervo, sozinho na neve, se agravou. Eu não era nem mesmo um cervo, era um coelhinho frágil e prestes a morrer.

Então, ela finalmente se sentou e eu voltei a respirar. Com preocupação, percebi que o rabo do meu coelhinho havia se levantado também. Por sorte, eu estava sentado e de calça jeans.

A aula, assim como a minha vergonhosa ereção, passou rapidamente. Não lembro de nada que o professor falou, pois estava focado em segurar meu instinto de olhar para trás e ver os olhos do predador que me fitavam.

Por fim, era intervalo. Eu precisava me acalmar. Assim que o professor liberou a turma para ir lanchar e/ou passear (eram duas aulas seguidas), peguei o banha que Danilo havia me dado, assim como o meu isqueiro, que estavam na minha carteira, e desci as escadas da FALE, me aconchegando nas mesinhas de pedra do lado direito, do lado oposto à FAFICH. Acendi um e tentei administrar meus sentimentos enquanto a fumaça do “dedo de bruxa” fazia com que meus pensamentos ficassem em sequência cronológica, e não amontoados ao mesmo tempo.

— Oi, maconheiro. — Ouvi uma voz feminina atrás de mim.

Quase dei um pulo, rapidamente, engoli a fumaça e apaguei o cigarro.

— Relaxa, não sou da polícia. Só queria dar um trago.

Quando olhei para trás vi que era a Loba, Ana Júlia.

— Que susto, pô.

Coloquei o cigarro na boca e quando estava prestes a acender, ela estica um isqueiro zippo com estampa do Resident Evil 1 e o acende para mim.

— Oloco, você joga Resident?

— Residente?

— Resident Evil.

— Sei nem o que é isso, porque?

— O seu isqueiro é o mesmo do primeiro jogo. Posso ver?

— Depende, se você me deixar dar uma tragada ou não.

Passei o cigarro para ela e por um momento nossas mãos se tocaram. Não soube dizer se minha mão estava gelada ou se a dela era quente demais. Fiquei a olhando prender a tragada e soltar, fazendo um pequeno *donuts* com a fumaça. Infelizmente, ela era ainda mais bonita de perto.

Eventualmente ele percebeu que eu a encarava.

— Tu não queria olhar o isqueiro? — Ela disse com um sorriso desconcertante.

Desviei o olhar sem jeito, de alguma forma a presença dela me intimidava, mas eu até gostava.

— Era do meu ex. — Ela disse me entregando o zippo.

Na hora perdi a vontade de olhar, só girei na mão e devolvi.

— Ué, mas já? — Ela perguntou.

— Sim, não tem muito o que ver, é só um isqueiro.

— Então tá... — Ela o guardou no bolso. — Você não tem cara de quem fuma.

Fiquei em silêncio.

— Henrique, né? Até que você é bonitinho pra alguém da TI.

— Disse com um sorriso que me tirou o pouco fôlego que a fumaça ainda não tinha tomado.

— Eu, han... quer dizer... Obrigado. Você também é bem bonita.

Patético...

Ela riu alto, como se eu estivesse dando um show de stand up particular.

— Você é uma gracinha, sabia? Toma, a última tragada é sua. — Me devolveu o cigarro. — Te vejo amanhã?

— Amanhã não tem aula de Linguística.

— Quis dizer no intervalo.

— Eu estudo no prédio da Engenharia.

— Fica muito longe para você vir fumar comigo? — Estreitou os olhos e sorriu, quase senti o rabo do coelho subir de novo.

— Não, eu gosto de caminhar.

Ela tocou na minha mão, fechando o acordo ao colocar suas mãos ao redor da minha. As mãos dela eram realmente bem quentes, estavam um pouco suadas, mas eram muito macias.

— Qualquer coisa, pega o ônibus interno também, se der tempo. — Piscou para mim.

Ela olhou no relógio, o intervalo estava acabando.

— Relaxa, amanhã eu trago o meu, vai ser por minha conta.

Ela estava prestes a sair, mas parou e se virou para mim novamente.

— Por falar em conta... Já ia esquecendo. Me passa seu insta?

Meu estômago embrulhou, não pelo pedido, mas por lembrar do meu arroba.

— Me passa o seu e eu adiciono depois.

— É que tem um monte de esquisito que fica pedindo pra me seguir. Se você falar o seu arroba fica mais fácil.

Não tinha para onde correr.

— Me empresta seu celular e deixa que eu coloco.

Ela não questionou, apenas entregou o celular na minha mão. O instagram dela estava aberto e parece que não era mentira, tinha 99+ notificações.

Abri a barra de pesquisa e digitei @Henrique.mc.lv, cliquei para seguir e devolvi.

— Que arroba é esse? Você é MC? — Ela riu.

— Não é isso. Mas é difícil demais para explicar.

Peguei meu celular e aceitei a solicitação. O arroba dela era @Naju.loba. Tinha várias fotos e fodendos 3.000 seguidores.

— Aceitei aqui.

— Meio low profile você... — ela movia o dedo lentamente pela tela do celular. — Que isso nos seus destaques? PSAV?

— É minha gata, Pamelinda Soares Aragão Vieira.

— Que lindinha! É um belo nome, tem significado? — Ela disse passando foto por foto.

— Achei que seria engraçado, mas chamo ela só de Pampam.

— Você é bem fofo. Tenho que ir, já está acabando o intervalo e não tomei café ainda. — Não tive tempo de reagir nem processar o que foi dito.

Dito isso, se levantou sem qualquer cerimônia e partiu. Apenas depois que ela saiu, eu percebi que não estava respirando, já estava quase desmaiando, provavelmente a veia da minha têmpora estava saltada e eu estava vermelho. Não era a erva, era meus genes de presa se ativando frente ao predador. Inspirei bastante oxigênio, e senti o cheiro de seu perfume floral, que ainda estava no ar. Me levantei, ainda de pressão baixa, e voltei à sala.

A aula continuou mais normal do que eu esperava. Mas, novamente, eu não prestei atenção em quase nada, embora o efeito do *dedão de macaco* tivesse melhorado minha ansiedade, eu ainda sentia sobre mim a presença de algo perigoso, que fitava-me com

atenção e me fazia lembrar o quão beta e virgem era. Contudo, esse olhar agora já me era mais familiar que antes.

Sáímos sem nos despedir, ela se embrenhou para dentro do prédio de letras depois da aula. Como era minha última aula da manhã, fui para casa para jogar e almoçar (não necessariamente nessa ordem).

Não consegui jogar nada naquele dia. Após o almoço, tentei jogar Resident Evil 1 para me lembrar dela. Mas acabei me lembrando que ela tinha um ex que jogava. Um cara que passou tempo com ela, que tocou suas mãos, que beijou seus lábios, que sentiu o gosto de sua língua... era torturante. Eu não tinha nenhuma ex, só beijei três meninas na minha vida, nunca havia trepado.

Será se ela e o ex ainda se viam? Será se ele passava as noites com ela? Eram ainda amigos? Por que ela ainda tinha o isqueiro dele?

Se eu continuasse pensando nisso, eu iria morrer. Não metaforicamente, mas literalmente mesmo. Pensar nela era fatal, e talvez me aproximar fosse ainda mais letal. Quando percebi, já eram 16h, a aula começaria às 19. Fui caminhar para espairer.

Cheguei no apartamento às 18. Pamelinda Soares Aragão Vieira — a tal da Pampam, me olha desconfiada. Ela sabia de algo, a maldita. Dei whiskas para ela. Ela mal tocou no prato, ficou me olhando de rabo de olho.

Me banhei. Saí de casa às 18:30. Para minha surpresa, vejo que Ana Júlia havia me mandado mensagem pelo insta.

“Tem aula de noite?”

Quase tropeço na rua quando vejo a notificação. O que ela estava querendo? Mando um áudio:

— Tenho sim, estou à caminho do prédio da engenharia agora, inclusive. Chegando na entrada da Belas Artes.

Digitando...

“Hahaha, que voz fofa tu tem, havia quase me esquecido”

Dessa vez eu caí. Literalmente. Tropecei no meu cadarço e caí de bunda na esquina antes da entrada da faculdade. Por sorte, ninguém viu, só um casal de mendigos que riram alto e me xingaram: “cuidado viadinho lesado!”. Que pândego.

Me mandou outra mensagem.

“Falte”

Li duas vezes para conferir se tinha lido certo, parei à frente da faixa de pedestres para atravessar a avenida rumo à escola de belas artes. O barulho dos estudantes no Cabral atrás de mim inundou meus ouvidos.

Hesitante, escrevi:

“Por que?”

Visualizou, não respondeu. Aguardei uma eternidade. Quando o sinal abriu, me preparei para dar o primeiro passo na faixa. Assim, duas mãos muito quentes e suadas tocaram meu rosto, tampando meus olhos por trás. O uivo firme de uma loba, acompanhado pelo cheiro de álcool, adentrou meus ouvidos e narinas.

— Adivinha quem é? — Riu.

— Ana?

— Olha, pra um maconheiro, até que sua memória ainda tá boa.

— Disse tirando a mão do meu rosto. — Tá afim de tomar algo?

Ela tirou um cantil de dentro da blusa e me entregou. Virei e senti o gosto de whisky queimar minha traquéia, ela riu ao ver minha careta.

Fomos andando até o “bosque”, ao menos todos chamava aquele lugar assim, mesmo tendo umas quatro árvores no máximo. Sentamos em um dos bancos, ela puxou um *marvado* e, dessa vez, acendi com o meu isqueiro.

— Falei que era por minha conta. — Ela sorriu soltando fumaça pela boca.

Peguei o cigarro e dei uma tragada enquanto ela dava mais um gole no whisky.

— Porque você escolheu Engenharia da Computação?

— Depois que terminei o ensino médio entrei em uma depressão fodida. Ficava o dia inteiro no computador. Até que um dia minha mãe chegou dizendo que tinha me inscrito em um vestibular e que eu iria fazer. Acho que ela só tava tentando ajudar do jeito dela, sabe? E então eu passei e acabei gostando do curso. E você, porque escolheu Letras?

— Caralho...

— Foi mal, não queria que parecesse um desabafo. — Eu abaixei a cabeça, olhando para meu pé direito batendo freneticamente.

— Relaxa, você só respondeu o que eu perguntei, não tem nada de errado nisso. — Ela inclinou a cabeça de lado, se colocando na frente do meu rosto, fazendo com que seu cabelo cobrisse um dos olhos. — Respondendo a sua pergunta... Desde pequena, meu pai me ensinou a ter gosto por literatura. Então escolhi o curso pois me faz lembrar dele.

Ela sorriu com certa nostalgia no olhar e então deu mais um gole.

O efeito do álcool e do cigarro ainda não tinham começado, mesmo assim, diferente de mais cedo, consegui me sentir confortável ao lado dela.

Passamos a noite inteira conversando sobre a vida, nossos hobbies... sobre as góticas, alternativos e emos da FALE. Até que chegou o momento de nos despedirmos.

— Toma, a última tragada é sua.

Ela se aproximou de mim rapidamente, segurou a minha mão, e com ela, colocou o cigarro em seus lábios e tragou. Sua mão quente segurou meu pescoço e me puxou em um beijo, fazendo com que a fumaça passasse por entre as nossas bocas.

— Não é a última, coelhinho. Você vai transar hoje...

O rabo do coelho subiu novamente. Ficaria eternamente ereto.